



Profissão Lighting Designer

Por Adriano Degra e Erlei Gobi
Colaborou Maria Clara de Maio

Os caminhos que levam um profissional ao mundo da iluminação

OLHE PARA O STORYBOARD ACIMA. VOCÊ, QUE HOJE ATUA profissionalmente como um lighting designer, com certeza não passou por um momento como esse. Aliás, deve ter sido perguntado sobre a profissão que teria naquele dia do futuro, quando crescesse, e a resposta variou conforme a idade e seu respectivo imaginário, não escapando algumas das mais cotadas, como médico, policial, astronauta, bombeiro, ator...

Considerando os 138 anos decorridos desde a invenção da lâmpada de Edison – e do início da iluminação artificial em grande escala – ainda estamos há anos-luz desse cenário da tirinha. Obviamente, a consciência e necessidade de projetar a luz artificial nos espaços ocorreram mais tarde, e quando nasceu o primeiro lighting designer, ele nem sabia que era um lighting designer. Até aí, tudo bem, isso não é exclusividade somente desta profissão. Algumas levam tempo de amadurecimento maior, outras se estabelecem mais rapidamente, como algumas que brotaram na era pós-internet... trata-se, sim, de um tema amplo em constante transformação.

No caso dos LDs, apesar da luz estar presente 24 horas por dia (sim, por dia!) nas nossas vidas, e cada vez mais presente e sustentável, importante e explorada, comentada e desenvolvida, projetada e moderna, desejada e evoluída, os profissionais – que a ela se dedicam e com ela trabalham, têm pouca voz e menos reconhecimento do que merecem.

Mas o que falta para ganhar corpo e ter compreendida sua atividade, sua responsabilidade, sua profissão? O que falta para não mais vermos a expressão de interrogação das pessoas quando dizemos que somos Lighting Designers? Quais os caminhos que levam alguém a se enveredar pelo mundo da iluminação e fazer dele seu futuro? Qual é o perfil deste profissional no Brasil? Ao colher depoimentos de profissionais de diversas formações e gerações para esta reportagem especial, a revista Lume Arquitetura buscou algumas respostas a estas perguntas. Afinal, a história da profissão no país começou a ser escrita por aqui há pelo menos 40 anos. Enquanto não há caminhos mais definidos, ou o estabelecimento da profissão num âmbito maior que o seu segmento,

// *Esta é uma área que
está crescendo
absurdamente porque luz,
além de ser meramente
clareamento, é comunicação,
informação...* //

Günter Parschalk
arquiteto e lighting designer



esperamos que este e outros registros auxiliem os apaixonados e capacitados e, por que não?, os candidatos a exercê-la plenamente no futuro.

Os desbravadores autodidatas

Desde a criação da iluminação artificial, surgiu a necessidade de se projetar luz para os espaços construídos. O mercado brasileiro de iluminação foi desbravado nas décadas de 60 e 70 por profissionais praticamente autodidatas nesta disciplina, como Lívio Levi, Esther Stiller, Peter Gasper, Antonio Carlos Mingrone, entre outros renomados que pavimentaram essa estrada. Nas décadas seguintes, surgiram novos profissionais que ajudaram a fortalecer e ampliar ainda mais o mercado, como Neide Senzi, Plínio Godoy, Günter Parschalk, Fabio Falangue, entre tantos outros. Mas quais motivos os levaram a trabalhar com iluminação?

Günter Parschalk, arquiteto com pós-graduação em desenho industrial e titular do escritório Studioix, contou que, quando criança, queria ser bombeiro, mas que acabou entrando na iluminação por conta de Fernando Collor: “Quando era designer executivo da Securit, empresa de móveis para escritórios, cozinhas e armazenagem industrial, realizei uma exposição chamada ‘Umecendi’ onde apresentei 31 luminárias que uniam tecnologia e originalidade indígena brasileira. A princípio, não tinha a menor pretensão de tornar a criação de luminárias um hábito ou de entrar no mercado de iluminação, mas quando o Collor ‘rapou’ a grana de todo mundo, fiquei com uma mão na frente e outra atrás. Notei que vender produtos era menos difícil que prestar serviços em design. Como eu tinha estudado Gestalt, e a percepção visual sempre tinha sido uma das minhas áreas de interesse, migrar para o mundo dos projetos de iluminação não foi muito complicado. Aos poucos fui me consolidando nesta área e decidi atuar exclusivamente com projetos luminotécnicos”.

Também houve quem iniciasse sua trajetória profissional na indústria de iluminação, como é o caso de Plínio Godoy, engenheiro elétrico e titular do escritório Godoy Lumino-tecnia, que queria ser fazendeiro na infância. “Quando entrei na faculdade de engenharia, pedi um estágio para o pai de um amigo, que possuía uma fábrica de luminárias para iluminação pública. Comecei a trabalhar na fábrica e passei por todas as áreas da produção e laboratórios. O chefe de desenvolvimento da fábrica me inspirou e aconselhou-me a buscar a referência em iluminação no Brasil na época, a Philips. Consegui uma vaga no programa de estágio da empresa e foi quando conheci três pessoas fundamentais para minha carreira, os engenheiros Libb Smith, Isac Roizenblatt, e a quem chamo de Mestre, Adriano Genistretti”, disse.

Fabio Falangue, designer industrial e titular do escritório Luz ao Cubo, contou que sua primeira experiência no universo da iluminação foi ainda na adolescência, em 1976, durante o show da Banda Genesis, no Ginásio do Ibirapuera: “Mas foi na faculdade que Giorgio

// *Sinto falta de bibliografia
didática e prática,
pois é uma disciplina
muito complexa; não
é fácil se tornar um
lighting designer.* //

Carolina Ciola Fonseca
arquiteta



Giorgi, mestre de TIP (teoria da informação e percepção) e que se tornou meu sócio por quase 20 anos, apontou-me o Norte no mundo das ideias. Começamos desenhando luminárias com a intenção de encontrar empresas que as fabricassem e, para complementar nosso catálogo, optamos por representar uma marca de luminárias italiana. Com a produção e a representação, vieram também os projetos luminotécnicos”.

Segunda geração

Como foi possível notar até aqui, a primeira geração de lighting designers contou bastante com o autodidatismo e entrou no ramo da iluminação das mais diversas maneiras, algumas delas até mesmo inusitadas. Já a segunda geração começou a ser moldada por profissionais que trabalharam nos primeiros escritórios de iluminação e que criaram suas próprias empresas para atuar de forma independente, como é o caso do lighting designer Leonardo Alves, titular do L+A Arquitetura de Iluminação. “Com certeza, o profissionalismo encontrado no escritório em que atuei – desde a concepção até o resultado final do projeto – foi fundamental para a minha decisão de seguir nessa carreira. Foram anos maravilhosos com a dona Esther Stiller e o meu coordenador Artur Bezerra. Ali aprendi a enxergar, saber usar e dosar corretamente a iluminação, além de trabalhar em equipe em altíssimo rendimento. Muitas vezes sinto falta de poder trabalhar ao lado dos dois”, comentou.

Essa geração também contou com profissionais contemporâneos e que não necessariamente tiveram origem nos escritórios de iluminação, como foi o caso de Jamile Tormann, arquiteta que descobriu o encanto pela iluminação trabalhando no teatro, ainda na adolescência. “Sempre trabalhei exclusivamente com luz, desde 1989, quando tinha 14 anos de idade. Posso dizer que os primeiros números que aprendi a contar e reconhecer foram em uma mesa de luz. Sentava diante da mesa de luz e a equipe técnica ou minha madrinha pediam lá do palco: ‘Sobe o canal



“O mais importante é sempre se manter atualizado, porque as tecnologias mudam muito rapidamente e o estudo é constante.”

Nidia Borelli
arquiteta e lighting designer

6 e baixa o 8’, ‘sobe o 12’ e assim por diante. Também fui ‘controladora de máquina de fumaça’, que na época não era DMX e não se podia controlar à distância. Sentia-me importante. Separava as ‘gelatinas’ e ajudava a equipe a colocá-las nos refletores ou retirá-las ao final de um evento”, explicou.

Conhecimento

Os profissionais que desbravaram o mercado tinham enorme dificuldade em adquirir conhecimentos no Brasil. Era preciso sair do país ou dominar línguas estrangeiras para ter acesso a literatura sobre o tema, como relatou Plínio: “Havia, no DEPI (Departamento de Engenharia da Philips Iluminação), uma biblioteca muito boa, onde buscava os livros para estudar. Também fiz a tradução de um dos manuais holandeses para o português, digerindo tudo o que via de técnica pela frente”.

O crescimento do mercado de construção civil no Brasil, principalmente depois da virada



“Todo processo inicia-se, alcança novos patamares e necessita de ajustes, e a profissão de lighting designer também passa por este processo.”

Plinio Godoy
engenheiro elétrico e lighting designer



Leonardo Alves
arquiteto e lighting designer

“O profissionalismo encontrado no escritório em que atuei foi fundamental para a minha decisão de seguir nessa carreira.”

do século, e a consolidação de novas tecnologias, como o LED, levaram a um aumento na demanda por projetos de iluminação e, conseqüentemente, os jovens à procura da profissão de lighting designer. “Hoje, a profissão ganhou um novo status e por isso chama a atenção de muitos. Cursos apareceram, eventos e revistas, naturalmente levando novos profissionais para o setor”, disse Plínio.

Hoje, é possível encontrar diversos cursos livres, palestras e pós-graduações no país para se aprofundar no tema luz. “Foi-se o tempo do caminho ser meramente empírico, na base da tentativa e erro; de aprender apenas com um profissional, como naquela relação ‘mestre-discípulo’. O mercado profissional atual não tem tempo para esperar esse caminho, tampouco o candidato a profissional consegue oportunidade sem um fundamento teórico sólido. A exigência do mercado, a velocidade da informação e os custos atuais são diferentes dos anos 60 e 70. A aquisição de conhecimento teórico conectado às prá-

ticas e soluções, bem como o diálogo com o fluxo tecnológico, é uma necessidade. Um curso de pós-graduação oferece um conjunto organizado de conteúdos para dotar o candidato a profissional a se estabelecer com os dois pés no chão”, enfatizou Jamile.

A arquiteta Carolina Ciola Fonseca, de 38 anos, está cursando o curso Master em Arquitetura & Lighting, do IPOG - Instituto de Pós-graduação e Graduação, pois acredita que este seja um mercado bastante promissor. “Em 2016, devido à crise, iniciei carreira solo em projeto de arquitetura e passei a enxergar a importância da luz para a humanização do espaço. Visão é um dos sentidos que mais usamos, e a luz aplicada incorretamente altera as cores; a percepção espacial; o volume e textura dos produtos ou materiais aplicados; as sensações e o humor. Hoje, o consumidor e o usuário são mais exigentes e detalhistas”, afirmou. Porém, Carolina ainda diz encontrar dificuldade com a literatura sobre iluminação: “Sinto falta de bibliografia didática e prática, pois iluminação é uma disciplina muito complexa; não é fácil se tornar um lighting designer. É preciso muito estudo, muita experiência, pesquisa, testes e estar de olho nas tendências e inovações, além de ler revistas e artigos da área”, completou.

Há também quem trabalhe em um grande escritório de lighting design para ganhar conhecimento e experiência na área, como é o caso da arquiteta Ana Carolina Pires Lagreca, que atua na Mingrone Iluminação: “Meu primeiro contato com o mundo da iluminação foi aos 15 anos, quando iniciei curso técnico de Design de Interiores enquanto concluí o Ensino Médio. Neste curso tivemos um pequeno módulo sobre iluminação que me despertou o interesse sobre este assunto. Minha experiência no exterior me fez abrir a cabeça para um olhar mais amplo e com isso percebi que poderia fazer arquitetura não trabalhando diretamente com ela, e sim a complementando e lhe dando mais valor. Foi aí que, em busca de um estágio, encontrei a vaga na Mingrone Iluminação e não tive dúvidas de que seria o local que estava procurando. Em dez anos me vejo trabalhando nessa mesma

“A aquisição de conhecimento teórico conectado às práticas e soluções, bem como o diálogo com o fluxo tecnológico, é uma necessidade.”

Jamile Tormann
arquiteta e lighting designer



área em meu próprio escritório”. No entanto, não são apenas os novos profissionais que estão em busca constante de conhecimento. A arquiteta e lighting designer Nidia Borelli, titular do N. Borelli Arquitetural Lighting, é um exemplo de constante atualização: “Meu primeiro contato com a iluminação ocorreu quando estava desenvolvendo um projeto de design para a Philips e conheci Isac Roizenblatt, que me ajudou e mostrou este mundo; foi amor à primeira vista. Fiz vários cursos e workshops, comprei livros, participei de feiras, congressos e seminários, tudo para me informar mais sobre o tema. Fui para a Itália realizar um curso de iluminação e quando voltei ao Brasil decidi fazer minha segunda graduação, de Arquitetura e Urbanismo. Agora estou finalizando meu mestrado em Light Design, na Sapienza Università di Roma. O mais importante é sempre se manter atualizado, porque as tecnologias mudam muito rapidamente e o estudo é constante. A leitura de revistas especializadas, como a Lume Arquitetura, ajudou-me muito no início”.

O futuro

É inegável que a profissão de lighting designer ganhará mais força com o tempo, principalmente por conta do avanço tecnológico das fontes de luz, da internet das coisas e dos estudos do impacto da luz na saúde do homem e do meio ambiente. “Hoje, noto que as pessoas sabem o que é iluminação. Você consegue sentar em uma mesa de jantar e dizer que é Lighting Designer sem legendas e explicações. Vejo alguns pais recomendarem a seus filhos que estudem iluminação por ser um excelente mercado”, comentou Jamile.

Günter Parschalk relata a sua visão sobre o futuro da profissão de lighting design: “Acho que esta é uma área que está crescendo absurdamente porque luz, além de ser meramente clareamento, é comunicação, informação, e estamos cada vez mais vivendo 24 horas por dia no mundo digital. A preocupação com a iluminação está cada vez maior. Se a minha geração, analógica, que dava corda em relógio e batia prego, já tem um nível de conhecimento sobre a evolução dos projetos luminotécnicos,



Foi na faculdade que Giorgio Giorgi, mestre de TIP e que se tornou meu sócio por quase 20 anos, apontou-me o Norte no mundo das ideias.

Fabio Falangue
designer industrial e lighting designer

imagine só a juventude que está crescendo dentro do mundo digital e com a tecnologia avançando rapidamente”, projetou.

Os depoimentos e as trajetórias apresentadas nesta matéria especial deixam claro que a profissão de lighting designer é multidisciplinar e exercida com excelência por profissionais de diversas formações e com histórias distintas. Também é evidente que a constante atualização é extremamente necessária, ainda mais no mundo digital e tecnológico em que vivemos. “Todo processo inicia-se, alcança novos patamares e necessita de ajustes, e a profissão de lighting designer também passa por este processo. O amadurecimento levará ao equilíbrio das responsabilidades e egos e ao entendimento de que atender o mercado significa tratar questões de responsabilidade técnica e resultados, educando as expectativas do mercado. Se isso não ocorrer, cada profissional estará fadado ao descrédito e, por consequência, ao declínio da profissão”, finalizou Plinio. ◀



Meu primeiro contato com o mundo da iluminação foi aos 15 anos, quando iniciei curso técnico de Design de Interiores.

Ana Carolina Pires Lagrega
arquiteta